

THOMAS HOBBS

Leviatã

OU MATÉRIA, FORMA E PODER
DE UMA REPÚBLICA ECLESIASTICA E CIVIL

Organizado por
RICHARD TUCK
Professor de Governo, Harvard University

Edição brasileira supervisionada por
EUNICE OSTRENSKY

Tradução
JOÃO PAULO MONTEIRO
MARIA BEATRIZ NIZZA DA SILVA

Tradução do aparelho crítico
CLAUDIA BERLINER

Revisão da tradução
EUNICE OSTRENSKY

Martins Fontes
São Paulo 2003

LEVIATHAN,

OR

The Matter, Forme, & Power

OF A

COMMON-WEALTH

ECCLESIASTICALL

AND

CIVILL.

By THOMAS HOBBS *of* Malmesbury.



LONDON,

Printed for ANDREW CROUKE, at the Green Dragon
in St. Pauls Church-yard, 1651.

AO
 MEU MUI ESTIMADO AMIGO
 Sr. FRANCIS GODOLPHIN
 DE GODOLPHIN.

Estimado Senhor,

Aprouve a vosso mui merecedor irmão, Sr. Sidney Godolphin, quando era ainda vivo, considerar dignos de atenção os meus estudos, e além disso privilegiar-me, conforme sabeis, com testemunhos efetivos da sua boa opinião, testemunhos que em si mesmos já eram grandes, e maiores eram ainda pelo merecimento da sua pessoa. Pois, de todas as virtudes que ao homem é dado ter, seja a serviço de Deus, seja a serviço do seu país, da sociedade civil ou da amizade particular, nenhuma deixava de manifestadamente se revelar na sua conversação, não que fossem adquiridas por necessidade ou constituíssem uma afetação de momento, mas porque lhe eram inerentes e brilhavam na generosa constituição da sua natureza. E portanto em sinal de honra e gratidão para com ele, e de devoção para consigo, que humildemente vos dedico este meu discurso sobre a república. Ignoro como o mundo o irá receber, ou como se poderá fletir naqueles que lhe parecerem ser favoráveis. Pois, num caminho cerrado por aqueles que, se batem de um lado, por excessiva liberdade, e, de outro, por excessiva autoridade, é difícil passar sem ferimentos por entre as lanças de cada um. No entanto, creio que o esforço para promover o poder civil não deverá ser pelo poder civil condenado, tampouco os particulares, ao reprehendê-lo, declaram julgar demasiado grande esse poder. Além do mais, não é dos homens no poder que falo, e sim (em abstrato) da sede do poder (tal como aquelas simples e imparciais criaturas no Capitólio de Roma, que com o seu ruído defendiam os que lá dentro estavam, não porque fossem quem eram, mas apenas porque lá se encon-

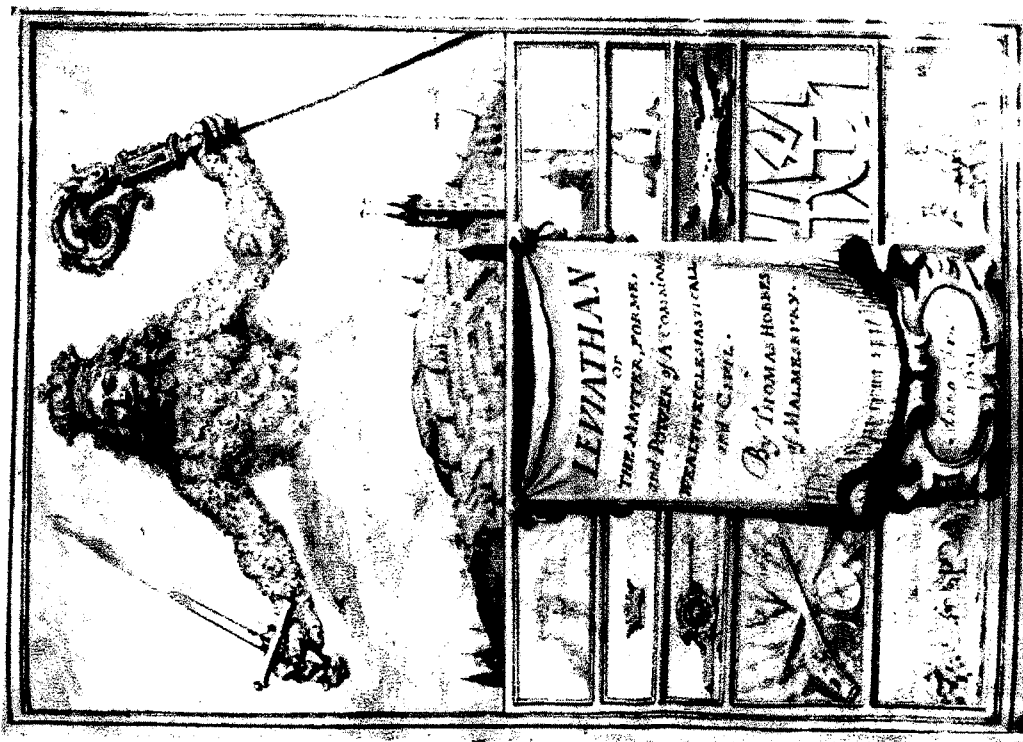


Fig. 2. T. Hobbes, *Leviathan* (1651), frontispício. Eg. 1910, 248 x 173 mm.

Leviatã

travam), sem ofender ninguém, creio, a não ser os de fora, ou os de dentro (se de tal espécie os houver) que lhes sejam favoráveis. O que talvez possa ser tomado como grande ofensa são certos textos das Sagradas Escrituras, por mim usados com uma finalidade diferente da que geralmente por outros é visada. Mas fi-lo com a devida submissão, e também, tãdo o meu assunto, porque tal era necessário. Pois eles são as fortificações avançadas do inimigo, de onde este impugna o poder civil. E se apressar disto verificardes que o meu trabalho é desacreditado por todos, talvez vos apraza excusar-vos, dizendo que sou um homem que ama as próprias opiniões e acredita em tudo o que diz, que honrei vosso irmão, como vos honro a vós, e nisso me apotei para assumir o titulo (sem vosso conhecimento) de ser, como sou,

SENHOR,

Vosso mui humilde e
mui obediente servidor

THO. HOBBS

Paris, 15/25 de abril de 1651.

Índice.

PARTE I. DO HOMEM.

Cap.		
	<i>Introdução</i>	11
I.	<i>Da Sensação</i>	15
II.	<i>Da Imaginação</i>	17
III.	<i>Da Sequência ou Cadeia de Imaginações</i>	24
IV.	<i>Da Linguagem</i>	29
V.	<i>Da Razão e da Ciência</i>	39
VI.	<i>Da Origem Interna dos Movimentos Voluntários vulgarmente chamados Paixões; e da Linguagem que os exprime</i>	46
VII.	<i>Dos Fins ou Resoluções do Discurso</i>	58
VIII.	<i>Das Virtudes vulgarmente chamadas Intelectuais, e dos Defeitos contrários a estas</i>	61
IX.	<i>Dos Diferentes Objetos do Conhecimento</i>	73
X.	<i>Do Poder, Valor, Dignidade, Honra e Merecimento</i>	75
XI.	<i>Das diferenças de Costumes</i>	85
XII.	<i>Da Religião</i>	92
XIII.	<i>Da Condição Natural da Humanidade relativamente à sua Felicidade e Miséria</i>	106
XIV.	<i>Da primeira e segunda Leis Naturais e dos Contratos</i>	112
XV.	<i>De outras Leis de Natureza</i>	123
XVI.	<i>Das Pessoas, Autores e coisas Personificadas</i>	138

PARTE 2.
DA REPÚBLICA.

XXVII. Das Causas, Geração e Definição de uma República	143
XXVIII. Dos Direitos dos Soberanos por Instituição	148
XIX. Das diversas Espécies de República por Instituição e da Sucessão do Poder Soberano	158
XX. Do Domínio Paterno e Despótico	170
XXI. Da Liberdade dos Súditos	179
XXII. Dos Sistemas subordinados, Politicos e Privados	190
XXIII. Dos Ministros Públicos do Poder Soberano	204
XXIV. Da Nutrição e Procriação de uma República	210
XXV. Do Conselho	217
XXVI. Das Leis Civis	225
XXVII. Dos Crimes, Desculpas e Atenuantes	246
XXVIII. Das Punições e Recompensas	262
XXIX. Das coisas que Enfraquecem ou levam à Dissolução de uma República	271
XXX. Do Cargo do Soberano Representante	283
XXXI. Do Reino de Deus por Natureza	299

PARTE 3.
DA REPÚBLICA CRISTÁ.

XXXII. Dos Principios da Política Cristá	313
XXXIII. Do Número, Antiguidade, Alcance, Autoridade e Intérpretes dos Livros das Sagradas Escrituras	319
XXXIV. Do Significado de Espírito, Anjo e Inspiração nos Livros das Sagradas Escrituras	330
XXXV. Do Significado de Reino de Deus, Santo, Sagrado e Sacramento nas Escrituras	343
XXXVI. Da Palavra de Deus e dos Profetas	351
XXXVII. Dos Milagres e seu Uso	367
XXXVIII. Do Significado de Vida Eterna, Inferno, Salvação, Mundo Vindouro e Redenção nas Escrituras	375
XXXIX. Do significado da palavra Igreja nas Escrituras	391
XL. Dos Direitos do Reino de Deus em Abraão, Moisés, nos Sumos Sacerdotes e nos Reis de Judá	394

XLI. Do Officio do nosso Abençoado Salvador	405
XLII. Do Poder Eclesiástico	413
XLIII. Do que é Necessário para Entrar no Reino dos Céus	489

PARTE 4.
DO REINO DAS TREVAS.

XLIV. Das Trevas Espirituais Resultantes da Má Interpretação das Escrituras	505
XLV. Da Demonologia e outras Relíquias da Religião dos Gentios	531
XLVI. Das Trevas resultantes da Vã Filosofia e das Tradições Fabulosas	553
XLVII. Do Beneficio resultante de tais Trevas e a quem aproveita	572
Revisão e conclusão	582

INTRODUÇÃO.

[1]
Assim como em tantas outras coisas, a NATUREZA (a arte mediante a qual Deus fez e governa o mundo) é imitada pela arte dos homens também nisto: que lhe é possível fazer um animal artificial. Pois, considerando que a vida não passa de um movimento dos membros, cujo início ocorre em alguma parte principal interna, por que não poderíamos dizer que todos os *autômatos* (máquinas que se movem por meio de molas e rodas, tal como um relógio) possuem uma vida artificial? Pois o que é o *coração*, senão uma mola; e os *nervos*, senão outras tantas *cordas*; e as *juntas*, senão outras tantas *rodas*, imprimindo movimento ao corpo inteiro, tal como foi projetado pelo Artífice? E a arte vai mais longe ainda, imitando aquela criatura racional, a mais excelente obra da natureza, o *Homem*. Porque pela arte é criado aquele grande LEVIATÃ a que se chama REPÚBLICA, ou ESTADO (em latim CIVITAS), que não é senão um homem artificial, embora de maior estatura e força do que o homem natural, para cuja proteção e defesa foi projetado. E no qual a *soberania* é uma *alma* artificial, pois dá vida e movimento ao corpo inteiro; os *magistrados* e outros *funcionários* judiciais ou executivos, *juntas* artificiais; a *recompensa* e o *castigo* (pelos quais, atados à sede da soberania, todas as juntas e todos os membros se movem para cumprir o seu dever) são os *nervos*, que fazem o mesmo no corpo natural; a *riqueza* e *prosperidade* de todos

os membros individuais são a força; *Salus Populi* (a segurança do povo) é sua tarefa; os conselheiros, através dos quais todas as coisas que necessita saber lhe são sugeridas, são a memória; a equidade e as leis, uma razão e uma vontade artificiais; a concórdia é a saúde; a sedição é a doença; e a guerra civil é a morte. Por último, os pactos e convenções mediante os quais as partes deste Corpo Político foram criadas, reunidas e unificadas assemelham-se àquele *Fiat*, ao *Façamos o homem* proferido por Deus na Criação.

Para descrever a natureza deste homem artificial, examinarei:

Primeiro a sua matéria e o seu artífice, que são, ambos, o homem.

Segundo, como e por meio de que convenções é feito; quais são os direitos e o justo poder ou autoridade de um soberano; e o que o preserva e o desagrega.

Terceiro, o que é uma república cristã.

Quarto, o que é o Reino das Trevas.

Relativamente ao primeiro aspecto, há um ditado do qual ultimamente muito se tem abusado: a *sabedoria* não se adquire pela leitura dos livros, mas dos homens. Em consequência disso aquelas pessoas que, em sua maioria, são incapazes de apreender outras provas da sua sabedoria têm grande deleite em mostrar o que pensam ter lido nos homens, através de impiedosas censuras que fazem umas às outras, pelas costas. Mas há um outro ditado que ultimamente não tem sido compreendido, graças ao qual os homens poderiam realmente aprender a ler-se uns aos outros, caso se dessem ao trabalho de o fazer, isto é, *Nosce te ipsum, Lê-te a ti mesmo*. Esse ditado não pretendia ter o sentido, atualmente habitual, de aprovar a bárbara conduta dos detentores do poder para com os seus inferiores, ou de levar homens de baixa estirpe a um comportamento insolente para com os seus superiores. Pretendia ensinar-nos que, graças a semelhança de pensamentos e paixões de um homem para com os pensamentos e paixões de outro, quem olhar para dentro de si mesmo e considerar o que faz quando *pensa, opina, raciocina, tem esperança e medo*, etc., e por quais motivos o faz, poderá

por esse meio ler e conhecer quais os pensamentos e as paixões de todos os outros homens, em circunstâncias idênticas. Refiro-me à semelhança das paixões, que são as mesmas em todos os homens, *desejo, medo, esperança* etc., e não à semelhança dos objetos das paixões, que são as coisas *desejadas, temidas, esperadas* etc. Quanto a estas últimas, a constituição individual e a educação de cada um são tão variáveis e tão fáceis de ocultar ao nosso conhecimento, que as letras do coração humano, emaranhadas e confusas como são, devido à dissimulação, à mentira, ao fingimento e às doutrinas errôneas, só se tornam legíveis para quem investiga os corações. E, embora por vezes descubramos os desígnios dos homens através das suas ações, tentar fazê-lo sem compará-las com as nossas, distinguindo todas as circunstâncias capazes de alterar o caso, é o mesmo que decifrar sem ter uma chave e deixar-se as mais das vezes enganar, quer por excesso de confiança ou por excesso de desconfiança, conforme aquele que lê seja um bom ou mau homem.

Mas, mesmo que um homem seja capaz de ler perfeitamente um outro através das suas ações, isso servir-lhe-á apenas com os seus conhecidos, que são muito poucos. Aquele que vai governar uma nação inteira deve ler, em si mesmo, não este ou aquele indivíduo em particular, mas o género humano. Embora fazer isso seja difícil, mais ainda do que aprender qualquer língua ou qualquer ciência, depois de eu ter exposto claramente e de maneira ordenada a minha própria leitura, o trabalho deixado a outro será apenas decidir se também não encontra o mesmo em si próprio. Pois esta espécie de doutrina não admite outra demonstração.